

LITERATURA E PSICANÁLISE: A ANGÚSTIA EXISTENCIAL NA VELHICE NOS CONTOS “NEGOCIANDO O FIM” E “AS QUATRO ESTAÇÕES” DE S. BARRETO

Alédio José Assis Jaña¹

RESUMO: A presente investigação propõe problematizar questões existenciais de personagens idosos nos contos “Negociando o fim” e “As quatro estações” do escritor brasileiro S. Barreto; a partir de um diálogo interdisciplinar entre Literatura e Psicanálise. Fundamentado, sobretudo, nas contribuições de Freud (1990, 1996, 2006); Lacan (1975, 2010); Winnicott (2005); Foucault (2004, 2007); Beauvoir (2018) e Mucida (2002), o estudo comprehende a velhice não somente como mera etapa onde se requer maiores cuidados, mas como uma “experiência-limite” marcada pela intensificação do desamparo, da perda da memória, ruptura dos vínculos familiares e pela confrontação da finitude. Assim entendemos a ficção de s. barretiana como um campo privilegiado para problematizar o Etarismo, a ética do cuidado e as relações intergeracionais ao denunciar práticas que reduzem o idoso ou a idosa à condição de sujeitos “indesejáveis”, negando-lhe direitos básicos de dignidade existencial. Ademais, a obra ficcional ao tocar em aspectos do fantástico, permite uma crítica contundente à sociedade atual e à modernidade, servindo, nesse tocante, como importante instrumento de emancipação, reflexão e tomada de consciência social em torno de pessoas sob essa condição.

Palavras-chave: S. Barreto. Angústia. Velhice. Contos. Psicanálise.

ABSTRACT: This investigation aims to problematize the existential quests of talented people, telling us “Negociando o fim” and “As quatro estações” by Brazilian writer S. Barreto; based on an interdisciplinary dialogue between Literature and Psychology. Founded, above all, in Freud’s contributions (1990, 1996, 2006); Lacan (1975, 2010); Winnicott (2005); Foucault (2004, 2007); Beauvoir (2018) and Mucida (2002), the study understands aging not only as a mere stage where greater care is required, but as a “limited experience” marked by the intensification of helplessness, the loss of memory, the breaking of family ties and the confrontation of death. Therefore we understand the stories s. barretiana as a privileged field to problematize Etarism, the ethics of care and the intergenerational relationships to denounce practices that reduce the state of being or being subject to the condition of “undesired” subjects, denying the basic rights of existential dignity. Furthermore, a fictional work that touches on aspects of the fantastic, allows for a forceful critique of current and modern society, serving, in this sense, as an important instrument of emancipation, reflection and raising of social consciousness around people under this condition.

Keywords: S. Barreto. Distress. Senility. Stories. Psychoanalyze.

¹ Psicólogo (CRP: 05-26887) e Especialista em Educação Superior, Universidade Federal Fluminense (UFF)Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3556658342760776>.

I. PSICANÁLISE, LITERATURA E MODERNIDADE: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

A literatura, por meio da ficção, costuma atrair grande fascinação devido a uma de suas principais características que é a possibilidade múltipla de “criação” de mundos. O nascimento de personagens e a consequente estereotipação deles somados ao foco narrativo ao qual cada um está inserido amplia a compreensão cognitiva e imaginário de quem os ler. Na literatura existencialista, por sua vez, é comum a proeminência de personagens complexos, as vezes protagonistas, fora do estereótipo historicamente construído através do constante conflito entre o “mocinho herói” e o “vilão” em disputa, muitas das vezes, da “salvação da terra”, do “poder” ou até de uma “mulher amada” tendo como desfecho um previsível final feliz patenteado pelo clichê “e viveram felizes para sempre”.

Agora é comum ver a literatura rompendo com essa fórmula ultrapassada dando lugar a pessoas em condições dissonantes aos personagens mais festejados até então pelas narrativas tradicionais. Sai de cena aquele tom maniqueísta de personagens totalmente *maus* em contraposição aos totalmente *bons*; agora sendo quase impossível conseguir distinguir seus caracteres livrando-os de julgamentos superficiais com finais nada otimistas. Novos protagonistas tomam a cena com suas vozes independente de raça, gênero ou religião trazendo a reboque os anseios e inquietações que cada diferença pode acarretar no mundo fático em meio a uma modernidade cada vez mais impositiva. A *pari passo* pululam a criação de situações que fogem de comum e situações muitas das vezes se valendo do fantástico, do sobrenatural, ampliando a compreensão da mensagem e aguçando a criatividade imaginativa dos leitores.

O pós 2ª Grande Guerra, de certa forma, forçou os artistas a retratarem e voltarem seus olhares a outras condições humanas marcada pelos horrores das guerras e holocaustos. Por esse motivo, a figura do idoso não ficou de fora. O arquétipo do idoso como alguém “ultrapassado”, “descartável”, “inservível”, “esquecido” detentor de um aspecto físico encurvado, músculos flácidos, movimentos lentos sempre se queixando de dores sem falar dos problemas severos nos sentidos seja na visão, audição, olfato, etc. A velhice com suas idiossincrasias, anseios, necessidades, angústias retratada pela literatura não trata somente em analisar uma condição social academicamente mas criar empatia. Além de figurar como uma forma eficaz de combater o Etarismo, faz refletir que a todos que essa condição – mesmo ainda gozando de um lapso temporal até chegar a essa fase – é fundamental para melhor compreender suas particularidades que ninguém, na melhor das hipóteses, estará isento de passar.

A literatura, por sua vez, mais uma vez demonstra outra faceta fundamental através de função social ao lançar um olhar diferenciado humanizado as condições pelos quais esses personagens costumam enfrentar. Não é de hoje que a literatura universal e nacional tenha abordado personagens idosos como protagonistas consagrando histórias com grande aceitação. Dentre os mais conhecidos pode-se citar: *O Velho e o Mar*, de Ernest Hemingway; *A Morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstói; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; *O gigante enterrado*, de Kazuo Ishiguro e muitos outros.

Assim, depreende-se que a questão do idoso sempre foi uma preocupação humana e a literatura, por sua capacidade de abranger suas peculiaridades que lhe são inerentes, tem exercido um papel crucial para compreendermos essa realidade por mais chocante que seja.

É por ela [a literatura] que tomamos consciência de nossa humanidade, que pensa, que fala. Pois a língua que se aprende nas relações quotidianas com os pais e amigos só serve para agir: perguntar, responder, para viver. Em suma, é só com alguma coisa como literatura (mesmo que tenha sido oral nas eras e civilizações sem escrita) que o homem se interroga sobre si mesmo, sobre seu destino cósmico, sua história, seu funcionamento social e mental. Suas concepções “elevadas”, sua visão do mundo afirmam-se em contato com as lendas – o que é preciso ler –, depois com os mitos religiosos, com as epopéias profanas, com as narrativas exemplares, contos, teatro, romance, com as confidências emocionantes, tanto em prosa como em verso. A fala informa-nos, a escrita forma-nos. E deforma-nos necessariamente, já que o que foi escrito nos vem de outro lugar, longe ou perto na ausência e de um outro tempo, de outrora ou de há pouco: nunca *daqui* e de *agora*, onde falar é o suficiente (Bellemin-Noël, 1978, p. 12).

3

Dessa forma, a psicanálise não abre a possibilidade de se analisar somente a mente de um personagem em específico mas, também, do seu criador – o autor. Desmistificar que não se trata de classificar ou não esse ou aquele de “louco”, mas talvez ajudar a compreender, ainda que minimamente, uma das maiores incógnitas até do mundo qual seja – *a mente humana*. Não à toa grandes na psicanálise, dentre eles o aclamado “pai da psicanálise” Sigmund Freud, recorria recorrentemente a literatura para encetar suas análises criando uma linha de estudo bastante promissora nesse sentido. “E assim, por essa força da letra capaz de atenuar o horror do real, psicanálise e literatura se aproximam e começam a traçar um caminho em direção ao que chamaremos aqui de psicanálise literária” (Castello Branco; Sobral, 2022, p. 19).

Essa interdisciplinaridade, aqui proposta, abre espaço portanto para se analisar a casos que muitas das vezes não tem como única chave de interpretação concentrada a partir do divã de um único personagem, mas correlacionar muitos outros fatores que influenciam sejam eles sociais, econômicos, políticos, etc.

Assim a literatura, por intermédio do seu principal instrumento que é o estudo da linguagem, se arvora como uma aliada da psicanálise e vice versa na compreensão embora alguns

entendam a Psicanálise uma forma mais “profunda” de se analisar os casos específicos sejam os “concretos”, como no caso dos estudos clínicos reais de um psicanalítico; ou os “ficionais”, como no caso os personagens que povoam os mundos criados em âmbito do grande campo da Literatura.

A linguagem é um artifício, especificamente humano, através do qual se expressa ou se nega toda uma forma especial de ser ou de não ser. Paradoxalmente, é nela que se esconde aquilo que mais incomoda e também se tem a oportunidade de elaborar mecanismos de construção e desconstrução de toda uma estrutura complexa que, graças ao surgimento da Psicanálise e toda a sua gama de instrumentos interpretativos se pode desvendar o que a Literatura já havia conseguido expor, sem, no entanto, conseguir explicar (Souza, 2023, p. 19).

Desta feita, chegamos a dois dos personagens *sui generis* concebidos à vida pelo autor brasileiro S. Barreto tal como veremos a seguir. São eles: “Seu Antônio” e “Dona Violeta”. Num primeiro momento, suas histórias e personagens são confundidos imersos a situações nada convidativas; mas só depois de uma leitura detida é possível se deparar com homens e mulheres mergulhados em uma profundidade psicológica sem igual. Em meio relações sociais e familiares cada vez mais prejudicadas pela modernidade, o leitor será confrontado por histórias onde os personagens se encontram colocados em situações de desconforto existencial uma realidade marcada pela falta de sentido e absurdo.

Essa confluência de variáveis nada convidativas acaba acarretando grandes crises emocionais, psicológicas impelindo aos seus experimentadores forte sentimento de solidão, medo da morte, desesperança perante realidade; e em casos mais extremos até a perda da razão; ainda que, muitas das vezes, Barreto diante da luta inglória diante disso tudo recorra, em alguns pontos, a ironia, o cômico, o escárnio como uma forma escapista de lidar com o invencível. Assim entendemos ser a narrativa literária s. barretiana um objeto propício para problematização de análises no campo da psicologia e/ou psicanálise.

4

2. SOLIDÃO, ABANDONO E O INCONFORMISMO COM A MORTE EM “NEGOCIANDO O FIM”

A primeira narrativa para investigação aqui escolhida fora “Negociando o fim”. Ela faz parte do livro *O Circo e outros contos* com sua primeira edição lançada em edição do autor. Por conta da sua repercussão positiva a obra já conta com sua segunda edição relançada em 2023. Os outros contos do volume são: “O Circo”, “A Criação” e “À Deriva”. A primeira, uma (re)leitura do livro *A Revolução dos Bichos* de George Orwell; a segunda, um escrito mais espiritual, por assim dizer, baseado na ânsia frustrada do “anticristo” para retornar a terra; e

por último, um micro conto muito próximo de uma metáfora que, assim com o conto que será analisado, também remete ao sentimento de “abandono”.

Portanto, a narrativa que propomos lançar análise gira em torno da vida (ou seria da morte?) de Seu Antônio, um idoso de 75 anos e já viúvo, enquanto “paciente” em um asilo naquilo que o narrador, ironicamente, apelidou de “campo de concentração da terceira idade”. Com relação ao lugar fica logo evidente a flagrante deficiência estrutural bem com a negligência dos funcionários. “Já os outros quesitos como: aquisição de material de higiene, tratamento médico regular, preparo de alimentações saudáveis e estímulo a atividades lúdicas, eram constantemente, desservidos pelo peculiar desleixo e inaptidão dos funcionários da clínica [...]” (Barreto, 2023, p. 134).

O “asilo” ou “lar de idosos” ou “retiro” muitas das vezes é associada como um lugar onde o idoso possa exercer a sua “individualidade”, “autonomia” e “independência” na fase mais peculiar da sua existência. Contudo se visto pelo olhar mais humanitário e crítico pode ser visto como uma forma cruel de afastamento, por parte da família para se livrar do “problema”, mesmo que em um primeiro momento seja essa um desejo expresso e consciente do próprio interno. Mas a pergunta nesse que fica é a seguinte: o que levou um idoso ou uma idosa, que poderá ter suas necessidades cada vez mais agravadas, preferir viver só do que próximo à família? Vai ser proveitoso a ele ou ela ou é uma forma de se proteger em meio a uma convivência familiar predatória? Segundo Goffman (2010, p. 59) instituições como essas podem figurar num lugar onde:

O internado aparentemente deixa de dar atenção a tudo, com exceção dos acontecimentos que cercam o seu corpo [...]. Evidentemente a abstenção total de participação em acontecimentos de interação é mais conhecida em hospitais para doentes mentais onde recebe o título de “regressão”. Alguns aspectos da “psicose de prisão” ou de “agitação simples” representam o mesmo ajustamento, tal como ocorre em certas formas de despersonalização aguda, descritas em campos de concentração e alienação, aparentemente encontrada em marinheiros da marinha mercante.

Já instalado de forma definitiva no referido lugar Antônio, entre a audição exaustiva das histórias de outro internado, acometido por grave demência, era assaltado pela própria mente com pensamentos negativos sem ter nenhuma opção aparente para livrar-se deles. “Entretanto, psicologicamente, parecia padecer de todas as somas das dores do mundo juntas” (Barreto, 2023, p. 133). Sabia que essa condição não era positiva e que poderia, caso assim continuasse, degringolar em algo pior para ele. O afastamento da família e não convivência com seus netos, saudades da esposa já morta impõem ao personagem um estado não só de mero

saudosismo de retorno de tempos áureos e bons, mas de um aprofundamento em um estado melancólico sem fim.

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação do interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando em uma expectativa delirante de punição (Freud, 1974, p. 250).

Ao aprofundar na realidade vivida por Antônio percebe-se que trata-se de uma figura que não via horizontes de melhoramento a longo prazo agravado por uma sensação, de solidão, de dor e sobretudo, pelo sentimento de proximidade do fim. A *solidão e dor*, nessa perspectiva, segundo alguns, pode ser visto como algo de “mão de via dupla” sendo retroalimentado de forma cíclica um pelo outro: “[...] da dor nasce o sentimento de solidão; por sua vez, a solidão ressuscita a dor, às vezes física, sempre moral [...]” (Anzieu, 1987, p. 127). Seu anseio mais importante reside no fato agora de poder usufruir de uma oportunidade e ansiedade de viver seus últimos momentos de uma maneira mais satisfatória para depois, quem sabe, “partir” de uma forma mais satisfatória e feliz.

Consoante a esse complexo contexto Antônio ainda tem de lidar com o constante sentimento de culpa como se fosse ele o único responsável e causador de todas esses infortúnios pelos quais vinha passando; oscilando momentos de aceitação e conformismo com algo que não pode lutar mergulhando-o numa espiral crônica de angústia sem fim. Acrescenta o filósofo dinamarquês fundador do existencialismo Søren Kierkegaard a esse respeito: “*Quanto mais reflexivamente se ousa pôr a angústia, tanto mais facilmente poderia parecer que se consegue convertê-la em culpa*” (2013, p. 65). Angústia por estar em um lugar que não queria; angústia por não ter seus desejos atendidos; angústia por não poder usufruir da presença da família (em especial os da nova geração) e sobretudo, a angústia pelo sentimento incontrolável da proximidade do fim.

A beira de seu apocalipse particular, digo, de seus últimos dias, tentava, em vão, recobrar na memória, momentos bons, que realmente valessem a pena serem lembrados. Recordava de vários, mas nenhum deles era suficiente para insuflar sua autoestima. A pergunta: “*o que foi que eu fiz para merecer isso tudo meu Deus?*”, se tornou constante e diária (Barreto, 2023, p. 134).

Essa confusão emocional provocada por um misto de sentimentos como que em um efeito cascata que, acumulados de maneira progressiva e não tratada em âmbito clínico profissional, pode escalar para patologias mais bem graves; e em alguns outros casos pode evoluir para “traumas”. Imerso em um conflito eterno com um inimigo invisível que não se pode se corporificar, sendo a melancolia e a angústia sentidas como um resultado do confronto solitário desses infortúnios podendo, inclusive, essa junção servir essa condição como um

gatilho para doenças psíquicas como depressão, isolamento crônico, ideário suicida. Sem falar do tripé “angústia”, “perigo” e “desamparo” um conjunto arriscado para aprofundar a crise psicológica de um paciente como o que se problematiza em questão.

Seguindo essa sequência, angústia-perigo-desamparo (trauma), podemos agora resumir o que se disse. Uma situação de perigo é uma situação reconhecida, lembrada e esperada de desamparo. A angústia é a reação original ao desamparo no trauma, sendo reproduzida depois da situação de perigo como um sinal em busca de ajuda (Freud, 1990, p. 161).

Nessa perspectiva a concepção lacaniana também contribui a elucidar a condição (des)humana do tratamento asilar de Antônio, onde o conflito existencial consegue transcender, inclusive, o temor da finitude física reduzindo-o sua existência à mera materialidade biológica. Ao ter seu cotidiano estritamente gerido somente por atividades questionáveis como “ministração de medicações”, “higiene” e “atividades lúdicas”, abre-se espaço para Antônio experimentar, desse modo, o “medo de medo”. Ao ser convencido como um sujeito incapaz de superar os próprios problemas pessoais como portador de um corpo envelhecido, degradado e inservível acaba implicitamente subjugando-o e ameaçando silenciar de vez sua condição como humano.

A angústia é justamente alguma coisa que se situa alhures em nosso corpo, é o sentimento que surge dessa suspeita que nos vem de nos reduzirmos ao nosso corpo. [...] não é o medo de qualquer coisa da qual o corpo possa se motivar. É *um medo de medo* (Lacan, 1975, p. 65, grifo meu).

Seu cotidiano e suas desventuras como interno é só uma introdução para chegar ao foco narrativo central que gira em torno de seu incomum “pedido final”. Não há como deixar de fazer referência e comparar sua condição àqueles condenados, que no corredor da morte em algum presídio norte-americano, tem direito a realizarem o último pedido somente esperando a hora da execução. Muito além de pedir uma última refeição, sua derradeira petição é bem mais estarrecedora. Seu Antônio ao pensar assim já sentia ele mesmo o completo culpado assumindo inconscientemente sua condição de condenado.

O destinatário do pedido, também é algo que foge do comum, pois agora entra em cena outro componente característico na ficção s. barretiana – o *fantástico*. Em meio a toda essa condição de solidão e falta de perspectiva de contornar a situação para um positivo; Antônio presente que “algo” ou “alguém”, por mais doloroso que fosse, ainda podia piorar em meio a um futuro nada agradável. “Porém, nos últimos dias, não eram os cortes do governo, o abandono dos filhos e a solidão que afligia a mente conturbada do Seu Antônio. Pressentia que algo não muito bom estava próximo de acontecer [...]” (Barreto, 2023, p. 138).

Numa atitude extrema em retomar o controle da própria vida Antônio começa a engendrar uma série de ações que, para muitos, pode beirar a banalidade; mas para ele teria grande valor como uma forma de reencontra-se consigo através de uma prática que sempre gostou de fazer durante a vida, qual seja: contemplar o mar.

Nesse momento, aparentemente recompensador em finalmente poder imprimir um sentido de algo que prezava; uma forma de resistência de quebrar as regras e admirar a natureza. Uma fuga, um momento de alívio em meio a um cotidiano tão degradante; e em outro dizer uma tentativa desesperada de usufruir de um último momento na certeza de que algo, em breve, aconteceria de maneira nada proveitosa para si.

Certo dia, ainda antevendo uma possível chegada repentina de sua angústia maior, decidiu tomar uma atitude. Talvez, a última de sua jornada terrena. Planejou, com grande esmero, uma visita ao mar, o que há tempos já não mais fazia. Às 16h da tarde, tomou pelas mãos uma velha cadeira de praia, que havia pedido a um dos filhos quando da última visita. Pôs na cabeça um chapéu branco de abas, vestindo-se com uma camisa social de botão, embora manga curta, bermuda jeans e uma surrada sapatilha. Saiu à francesa, sem que ninguém da clínica, percebesse (Barreto, 2023, p. 139).

Contudo, a aparente normalidade que vinha usufruindo fora quebrada novamente, só que com um agravante de ser uma forma mais excruciente. Em meio ao cenário inspirador Antônio é arrebatado por aquilo que mais vinha lhe incomodando conforme afirma S. Barreto (2023, p. 140): “Tudo ia muito bem quando, aquela estranha sensação, volvia a incomodar a quietude de sua alma. Ainda sentado, o sentimento vai aumentando, em escala ascendente, até que finalmente, pressente, concretamente, a chegada de ‘algo’ ou de ‘alguém.’” A partir dessa constatação começa o diálogo que figura como clímax da curta mas arrebatadora história. Antônio começa não só a conversar com “algo” ou de “alguém” que ele ainda não sabia bem quem era; mas que levantava fortes suspeitas de quem poderia ser.

Segue o diálogo inicial:

“Olá, quem está aí?” fala Antônio assustado ao mesmo tempo em que tenta revirar-se na cadeira. “Não Antônio! Não sujes sua mente olhando para mim. Recomendo que continue a admirar esse mar e esse lindo pôr do sol que é bem melhor” responde a voz rouca e sofrida, mas imponente. “E como quem está aí? Não vai me dizer que não sentiu, nesses últimos dias, que eu estava chegando” (Barreto, 2023, p. 141).

A partir daí a conversa representa, sobretudo, o apossamento de uma espécie “tanatofobia crônica” por parte de Antônio. Presume-se ser o personagem conduzido pelo medo de morrer, pela possibilidade de não existir agravado pelo fato de ter de passar por esse momento como qualquer outro quase que como um “indigente” face a conexão emocional e afetiva rompida, em especial, com a sua família. Sua consciência da levar o limite ao extremo com o passar do tempo. O medo da morte passa a ser concreto, algo que na sua vivência já

conhecia bem através do testemunho de chegada do momento para os outros pelo decorrer da longa vida pela qual pode usufruir até aquele dia.

Ao fazer um balanço dessa experiência, uma grande transformação interna se processa em nós e a morte não se configura mais como algo que acontece somente aos outros, mas que pode acontecer conosco também. Surge, então, a possibilidade da minha morte e isto traz um novo significado para a vida. Esta passa a ser definida e ressignificada pela possibilidade da morte (Kováks, 1992, p. 7).

A partir daí é entabulado uma conversação entre Antônio e a suposta morte onde sua maior intenção seria a de convencê-la de que não se achava preparado para o derradeiro momento e que mereceria ter mais alguns dias de vida no intuito de se “preparar” melhor ante a “passagem final”.

Por favor, eu insisto minha amiga. O que você ganharia, eliminando um pobre velho como eu, prostrado e mendigando por mais algumas horas de vida? O que o mundo teria a ganhar com isso? Sei que esses que estão nascendo podem esperar um pouco mais. Tenho certeza que não queres carregar essa mácula em seu belo currículo, como aquela que não sentiu misericórdia de um velho indefeso. Se não tiver compaixão de fazer isso por mim, faça, então, pelos meus netos, de corações ainda tão puros e inocentes (Barreto, 2023, p. 141).

Essa angústia muitas das vezes é comparada a uma ferida emocional difícil de cicatrizar. Nas palavras Ângela Mucida (2022), uma das maiores estudiosas conhecidas sobre velhice, o sujeito passa a ser movido por essa sensação de extrema dor emocional. Ou seja, em recusar ver a morte como uma etapa necessária mas como uma punição de algo que não pode ser mais controlado. “Neste contexto, a ideia de morte se apresenta como sendo essencialmente negativa (não-vida, não viver), não a possibilidade de se inscrever no inconsciente. Assim, a pulsão de morte seria o irrepresentável por excelência [...]” (Monzani, 1989, p. 228). Assim a condução do indivíduo na trajetória de vida passa a ser não pelo “amor à vida” mas sim pelo “medo de passar pela morte”.

Contrapondo-se à temporalidade do eu está a atemporalidade do isso, associando a velhice à vivência de finitude, marcada por uma ferida narcísica, seja pela impossibilidade de se adiar a realização do desejo, seja pela *ideia da morte real*. A resposta à nova prova de realidade poderia abrir-se a retificações, aos lutos e à mudança de posição subjetiva, delimitando, pois, a indestrutividade do desejo. Ou, de outra forma, a velhice atualizaria a problemática da castração a partir do luto do que se foi e do que se é. Ela inscreveria uma alteração significativa do narcisismo: luta entre o investimento em si mesmo e o desinvestimento que se abre à morte. A velhice é também representada como a ascensão crescente da *pulsão de morte*; confrontação entre o desejo e sua realização, implicando efeitos importantes na economia libidinal (Mucida, 2022, p. 35, grifos nossos).

O afastamento da família e isolamento num lugar ao qual não gostaria de estar, funciona como se estivesse sido antecipado a Antônio passar os últimos momentos de sua vida sozinho. A ideia de estar na solidão, desamparo e desinteresse da família em ter convivência com ele, a infrutífera tentativa de poder usufruir da vista do mar em sua completude e depois o não

sucesso em convencer a morte em lhe dar mais uns dias de vida caracteriza o que realmente tomou conta de sua vida nos últimos momentos vividos.

O final de vida do personagem foi marcado pelo desprezo dando espaço para o domínio do medo patológico na sua vida, ou melhor, no final dela, a ponto de tentar demover em vão algo que não pode ser, naturalmente, protelado. “Um paciente, por exemplo, pode ser dominado por um medo de morrer que nada tem a ver com o medo da morte, mas é inteiramente uma questão de um medo de morrer sem que ninguém se encontre junto a ele na ocasião [...]” (Winnicott, 2005, p. 101).

3. AS QUATRO ESTAÇÕES: UM VIÉS PARA PENSAR A VELHICE

Diferentemente do Seu Antônio a próxima protagonista que será analisada Dona Violeta, para ser mais exato Violeta Galvão de Albuquerque, contava com o “convívio” da família. Contudo, isso não quer dizer que deva ter sido melhor, muito pelo contrário, por tratar-se de uma narrativa mais longa, a personagem estará exposta a uma série de situações nada ortodoxas. Guardada as devidas proporções, essa narrativa encontra paralelo na história, “O Grande Passeio”, de Clarice Lispector que narra a história de Margarida uma senhora que por ser tão boa e vulnerável fica exposta a toda sorte de insensibilidade por parte das pessoas que terá de interagir.

Pois bem, a partir do último livro lançado do autor “As Quatro Estações” de S. Barreto, com grande repercussão na mídia, a questão da doença neurológica é tocada de um modo surpreendente, pois é revelado aspectos da existência humana que estão para além das debilidades físico neural. Ou seja, o que Barreto revela em seus textos, são o retrato da condição humana que somente os olhares mais aguçados serão capazes de detectar. O conto, portanto, é dividido em 4 partes, com forte simbologia implícita ao número citado. Em vários momentos o número 4 é destacado seja referindo-se a estações de trem de quatro cidades distintas, estação ao longo do ano, quatro meses de vivência, quatro filhos (dois homens; duas mulheres), quatro temperamentos e quatro situações distintas vivenciadas além das maneiras bem específicas em lidá-las.

3.1 A PRIMEIRA ESTAÇÃO: o (não) acolhimento familiar

Logo no primeiro capítulo, Violeta é recebida em uma estação de trem por um dos filhos chamado Carlos Eduardo. A conversa entabulada entre os dois deixam entender de que há

tempos não se viam. Logo no início fica evidente o sentimento maternal, quase que de maneira pueril, por parte da mãe, em relação a cuidados básicos para com o filho como se este ainda fosse criança ou que o deixa bastante incomodado retratando um certo “conflito” de gerações em seus atos, usos e costumes.

Assim, dentro dessa tensão criada em meio a essa dialética desses conflituosos registros de época, logo nas primeiras conversas, Violeta dá indícios de que não está com suas faculdades mentais em dias corroborado a falta de paciência do filho atarefado com o trabalho já nas primeiras cenas da história.

— Hum... — consentiu como se estivesse entendido. — Depois de uns minutos emenda: — Você já é casado meu filho? — E eis que, de repente, o filho encara a mãe com os olhos esbugalhados como quem dissesse: É sério isso? E sem que pudesse se recobrar para responder algo da primeira indagação Violeta torna a disparar uma pergunta atrás da outra como uma metralhadora verbal: — Com quem? Desde quando? Por que você não me convidou para a comemoração? — Mas o que é isso? Já disse que sim e que você veio para o matrimônio — disse Carlos preferindo não esticar mais a conversa com intuito de chegar logo em sua residência (Barreto, 2025, p. 25).

Tomamos a cena de abertura do conto para indicar como os personagens Violeta e Carlos Eduardo darão o tom da narrativa durante os próximos três capítulos. As perguntas repetitivas, a forma da mãe em tratar o filho como uma figura incapaz de autocuidado consigo mesmo. Nesse tocante a fragmentação da identidade de Violeta acaba contribuindo para que ela perca a noção da realidade como que um “bote” à deriva em meio do oceano não identificando quem é nem muito menos com quem está interagindo são ingredientes de um começo de história que certamente trará bastante incômodos para todos os envolvidos.

11

Entra em cena, pois, a perda aguda da memória a ponto de não saber onde se acha e quais passos poderão ser tomados a partir dali agravado pela ansiedade e sofrimento gerados em si por não ter controle nem ao menos dos próprios pensamentos. Isso se falar da ideia de impor desconforto nos outros por ter de estar sem poder sentir o nível de comprometimento em face de uma pessoa que não tem consciência do que diz nem muito menos do que pode fazer com a própria vida.

Do mesmo modo como a memória partilhada enriquece nossa vida como indivíduos, a perda da memória destrói o senso que uma pessoa tem de si mesma. Ela rompe a conexão com o passado e com os outros... [...] ...a doença de Alzheimer e as perdas de memória relacionadas à idade são exemplos conhecidos das muitas doenças que afetam a memória. Hoje sabemos que as deficiências na memória contribuem para as doenças psiquiátricas também: a esquizofrenia, a depressão e os estados de ansiedade carregam consigo o peso adicional das perturbações no funcionamento da memória (Kandel, 2009, p. 25, grifos nossos).

O trecho analisado já delineia o modo de existir do filho de Violeta, refém da lógica que se impõe agora com a convivência com a mãe sem ter consciência real do que se trata muito

menos forças para superá-la. Outra passagem que demonstra o automatismo desse encontro de gerações é o modo como ele trafega nas estradas, alheio ao cenário que temos conhecimento pelo narrador. Percebe-se que Carlos é alheio e incólume a estética que o cerca, quase que como um prisioneiro do tempo cronológico, como que na cena que realça a sofreguidão da espera do trem que traria sua mãe.

Como a parte destacada indica a consciência do personagem só se deixa afetar por sentimentos e sensações de inquietação: ansiedade, falta de foco, aflição, movimentos repetidos de conferir às horas, acatisia e outros sinais e sintomas de uma existência em *burnout*. Uma vez que, a primeira fala do narrador aponta que ele é mais ansioso que o natural, isto é, normalmente o ser ansioso. Essa plêiade de pequenos desconfortos psíquicos acabam funcionando como uma consequência haja vista que segundo Freud: “[...] a geração da ansiedade é o que surgiu primeiro, e a formação dos sintomas, o que veio depois, como se os sintomas fossem criados a fim de evitar a irrupção do estado de ansiedade” (2010, p. 106).

Um fato digno de nota ainda nesse trecho, diz respeito pelo fato de Eduardo além de ser afetado por todas as coisas como “obrigações habituais que só se avolumavam cada vez mais havia uma extra que sobrecarregaria”. Repare o sujeito não apresentar experimentar gozo no dizer de Lacan em nenhum momento. Vive sob a égide das obrigações e sobrecarga, mas o campo psicológico desvitalizado e reificado uma vez que, sua mãe está na categoria de (sobre)carga “extra”.

12

Então, o doente de Alzheimer se torna prisioneiro dos medos de um mundo antes desbravado e construído. [...] Frente a este quadro, os familiares do paciente com Alzheimer começam a conviver com uma nova situação que implica em *sobrecarga, ansiedade e tristeza*. A sociedade atual ainda não está preparada para oferecer recursos suficientes para atender o portador de Doença de Alzheimer, nem seus cuidadores (Lima; Marques, 2008, p. 159).

No decorrer dessa vivência da primeira parte Violeta toma contato com Nicole sua neta adolescente que ao contrário de seu pai não vê cerimonia nenhuma em demonstrar falta de empatia para com a avó. Não bastasse constatar a fragilidade da avó e nenhum interesse em formar um relacionamento com a ascendente, demonstra insensibilidade e uma forma de caçoar a avó. Uma espécie de sarcasmo e falta de empatia, retrato claro de não acolhimento e desinteresse nas novas gerações em adquirir ensinamentos com os mais experientes, ainda que se trate de um familiar próximo.

“Por isso, a experiência de *desprezo* sempre vem acompanhada de sensações afetivas que podem indicar ao singular o que o priva de certas formas de reconhecimento social” (Honneth, 1997, p. 166, grifo meu). Num momento em que mais necessite a incompreensão de pessoas

próximas, Nicole representa esse sentimento por parte dos descendentes diretos. Se com os filhos a falta de empatia é maquiada; a partir que se distancia da geração esse desprezo acaba se revelando de forma direta sem nenhum esforço para escamoteá-la ou escondê-la.

Como é o seu nome querida? Quem é você? — Hã — responde Nicole com o ar pasmo. — Você acabou de me perguntar isso. Sou Nicole filha de seu filho Carlos com Natália. — Nicole? Não conheço nenhuma Nicole. — Ah, por Zeus! — E onde eu estou? — Onde está? A senhora não sabe onde está? — Claro que não! Sem paciência a neta levanta toma a avó confusa pelo braço e diz: — Aff. Venha aqui, vou levar a senhora para a sala. Vou estudar um pouco. Preciso de um pouco de silêncio e privacidade (Barreto, 2025, p. 30, 31).

O primeiro capítulo acaba funcionando como uma introdução naquilo que só vai escalando a medida que tem de viajar e se deslocar a outros municípios para estadia, agora, de 3 meses na casa de outro filho, ou melhor nesse caso, filha. A mudança de gênero dá a entender que pelo fato das mulheres serem mais compreensivas, sensíveis e cuidadosas pode levar a equivocada compreensão de que finalmente Violeta terá o tratamento devido. Contudo, não é o que acontece, sobretudo em se tratando de literatura s. barretiana. Tudo até aqui acabou funcionando como uma forma de ambientar e preparar o espírito do leitor para o que estar por vir. A história termina com a parte mais destacada pelo autor como que numa forma cíclica. Despedida de Carlos para com sua mãe.

Boa viagem, mamãe — faz a saudação final beijando sua testa. — Obrigada. Como é mesmo o seu nome? (Barreto, 2025, p. 34).

3.2 A SEGUNDA ESTAÇÃO: UMA MISTURA EXPLOSIVA FÁRMACOS E RELIGIÃO

Como capítulo passado, de certa forma, funciona como uma forma de introduzir ao leitor um panorama dos problemas que Violeta irá enfrentar ao longo da história; criando, assim, uma espécie de ligação afetiva com a mesma o que potencializa a experiência de quem aprecia a narrativa. Na sequência a história patenteia a forma de Violeta lidar com o inesperado, em especial, em pessoas que possuem algum tipo de disfunção na memória como ela. Seus obstáculos se mostram quase que intransponíveis num primeiro momento quem sabe como consequência da má experiência anterior já experimentada somada a viagem abrupta que teve de enfrentar sem nem sequer obter respostas satisfatórias para suas indagações mais urgentes.

Essa parte introdutória encerra com uma técnica literatura mas também utilizadas em outras expressões artísticas tais como cinema, séries e novelas como uma antecipação do que no capítulo a seguir. Ao contrário da cena anterior os problemas não regridem ou cessam. Eles só evoluem a partir que as novas realidades vão sendo apresentadas e desenvolvidas sendo que

o autor deixa claro através da técnica abordada revelando uma certa tensão, expectativa no *porvir*.

Em inglês essa técnica recebe no nome de *foreshadowing*. Essa estratégia, é muito comum em histórias que se protraem num intervalo de tempo maior com cenas mais complexas, núcleos narrativos distintos e maior número de personagens. Para melhor compreensão uma história com essa estrutura costuma ser dividida em partes onde cada tópico ou capítulo finaliza como um “gancho” para prender o leitor até o fim da história.

Relate-se também que escritores usam o *foreshadowing* para atrair o leitor, mantê-lo interessado na história e ajudá-lo a juntar a história como uma peça de quebra-cabeça. Assim o autor usa o *foreshadowing* apenas para deixar dicas e possibilitar o leitor a fazer suposições sobre a história ficcional, e não para revelar totalmente o evento futuro. Neste sentido o *foreshadowing* é importante porque dá ao texto uma tensão dramática por antecipar o que acontecerá mais posteriormente na teia narrativa (Silva, 2018, p. 21).

Com efeito, voltando a história ainda chegando a próxima estação de trem Violeta não reconhece a sua filha caçula Amélia causando enorme constrangimento em meio aqueles outros inúmeros passageiros escarnecedo uma outra faceta do problema: a exposição da família em meio público e social. O encontro perante a nova filha logo nas primeiras impressões tornam a experiência de “reencontro” não é concretizado como um momento de regozijo mas de frustração reforçando a ligação entre ambos ainda que não de maneira satisfatória. “À medida que ele vai perdendo as lembranças, as suas permanecem e estão cada vez mais presentes, fortalecendo o vínculo entre ambos. O seu afeto é o elo de ligação com ele, que pode não entender, mas sente” (Nakagawa, 2002, p. 146).

O encontro com Violeta e a nova filha anfitriã é retratado nessa passagem a seguir:

Oi mamãe como você está? — pergunta Amélia empolgada tentando abraçar-lhe. — Mamãe? Quem é você? Nunca lhe vi! — responde firme Violeta se esquivando do abraço. Sou eu sua filha Amélia. Você veio passar um tempo comigo. Você tá vindo da casa do Carlos lembra? Do Carlos sim meu filho, me recordo muito bem dele sim mas não conheço é você. Como é seu nome? Amélia mamãe sua filha. Vamos me dê aqui sua bagagem — e tenta alcançar a alça da mala mas logo é repreendida, de forma descortês, por parte da dona Violeta. Tire as mãos da minha mala senhorita. Não lhe dei permissão! Como ousa! Mal se identificou para mim (Barreto, 2025, p. 36).

Esse instante evidencia a decepção perante a constatação de que uma relação normal não será possível entre mãe e filha e de que algo deverá ser feito. Numa delas é a de tomar medidas drásticas que inclui a ministração de substâncias muitas das vezes sem prescrição médica o que é recomendado nesse caso. Como esconder o problema de forma imediata diante de uma questão que se apresenta bem maior e mais complexa. A certeza de que Violeta nunca viu nem conheceu chega a ser bastante convincente para quem não tem ideia de como a doença apresenta

seus sintomas. No caso do que foi visto acima a única e contestável solução encontrada pela filha pode ser vista abaixo.

Foi quando Amélia teve em mente, como último recurso, uma forma de convencer a mãe a sair daquele lugar. Lembrou-se que trazia consigo um pequeno frasco com uma substância de cor marrom que causava num primeiro momento uma grande euforia, mas, depois um relaxamento inenarrável. Era produzido depois de muito macerar uma raiz de uma planta nativa daquela região tendo seu uso restrito somente liberado para cerimônias religiosas que estava começando a participar. Segundo seus líderes era necessário com o intuito de sensibilizar o espírito para uma conexão e experiência com o plano transcendental (Barreto, 2025, p. 38).

Depois de ingerir o líquido Violeta tem uma experiência psicodélica possuindo grave alucinação chegando a ver “um monstrengue esverdeado com cabeça de polvo e tentáculos gigantescos com corpo alado com asas de dragão e garras afiadas” (Barreto, 2025, p. 39). Não se trata de fazer um julgamento dos personagens, mas como medidas são tomadas como paliativo para protelar algo que não for resolvido só se agravará.

Em meio a balbúrdia provocada somada a responsabilidade pela integridade da mesma tomar medidas drásticas tomassem proporções catastróficas como o acionamento da polícia ou ambulâncias conflito com um ou outra pessoa aborrecida pelo entrevero causado. Decide oferecer a tal “substância de cor marrom” para que não ela (Amélia) mas a outra (Violeta) pudesse ser contida em meio à crise de esquecimento como uma forma de inserir prazer em meio a tensão numa espécie desesperada de concretizar convencimento e desvio de enfrentamento direto do problema.

15

O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhe concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois se sabe que, com o auxílio desse “amortecedor de preocupações”, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade (Freud, 2006, p. 85).

Transposto esse primeiro imbróglio, uma guinada narrativa. Amélia como uma forma, quem sabe de ser redimir decide levar a mãe a missa já que sempre fora devota. Uma outra forte vertente na literatura s. barretiana a abordagem religiosa, especial, a cristã. Decide levá-la à celebração religiosa mas não só isso uma palavra com o padre como uma forma de valorizá-la em meio a tantas atitudes reprováveis. O decorrer das páginas a conversa entre Violeta e o líder religioso onde discutem as mais diversas questões: sociais, morais, religiosas, filosóficas como uma espécie de diálogo socrático.

E nesse caso Violeta assume o papel de “Socrátes” e seu interlocutor (o padre) absorvendo todas as indagações sem replicar maiores questionamentos. Elementos da religião

católica em específico. Menções a terços, santas e imagens demonstram uma pessoa intimamente interligada a religião numa época onde a adesão a uma confissão era quase como um imperativo quase que impossível de se desvincular. A medida que as idades passam esse elo tende a ficar mais forte. A religião como uma tábua de salvação infalível para todas as situações; entretanto, em alguns casos, pode ser conduzida não mais como um conforto temporário mas como uma obsessão.

Não sou certamente o primeiro a notar a semelhança existente entre os chamados atos obsessivos dos que sofrem de afecções venosas e as práticas pelas quais os crentes expressam sua devoção. O termo ‘cerimonial’, que tem sido aplicado a alguns desses atos obsessivos, constitui uma evidência disso. Em minha opinião, entretanto, essa semelhança não é apenas superficial, de modo que a compreensão interna (*insight*) da origem do ceremonial neurótico pode, por analogia, estimularmos a estabelecer inferências sobre os processos psicológicos da vida religiosa. As pessoas que praticam atos obsessivos ou ceremoniais pertencem à mesma classe das que sofrem de pensamento obsessivo, ideias obsessivas, impulsos obsessivos e afins (Freud, 1996, p. 112).

Depois dessa longa é fechado mais um capítulo onde fica patente a ministração de substâncias psicotrópicas como uma forma de impor suas vontades a uma pessoa que não comprehende mais o sentido de obediência e cuidado consigo mesmo. Não bastasse a má experiência no início do capítulo em que violeta é dopada com substâncias sem nenhuma base científica ou médica; a filha até que dava a entender ter reconhecido o erro mas que e receosa que o embarque para a próxima casa do filho fosse tão traumática como na chegada para se livrar da mãe da possibilidade da torna a reincidir no erro nem que fosse utilizando de maneira ardil ao oferecer mãe um *cocktail* de tranquilizantes em um suco de tamarindo. Os efeitos num corpo fragilizado e franzino são refletindo Violeta os seguintes efeitos a seguir: “Daí a pouco Violeta estava babando com a cabeça pendurada no pescoço como que estivesse em sono profundo” (Barreto, 2025, p. 52).

16

3.3 A TERCEIRA ESTAÇÃO: ou “eu” ou “eles”

A medida que o leitor avança mais ele pode se aproximar da proposta que o autor intenta emplacar. A história de Violeta uma idosa que tem quatro filhos (e netos também), alternam os “cuidados”, entre si, no tempo oscilando os temperamentos emocionais dos mesmos em consonância com as estações climáticas do ano. Daí, o título do livro. Na penúltima e terceira etapa de seu “calvário” pessoal, Violeta agora experimenta a companhia de seu terceiro filho Sérgio que, diferentemente dos demais, mora em um apartamento.

A ideia de residir num prédio em meio a modernidade formada por grandes blocos de concretos, apartamentos sequenciados obrigando seus moradores a perda de privacidade ao

terem de dividir áreas comuns com os demais condôminos e seguir regras impostas por si só não deixa um convite a se pensar como um fator disruptivo para uma senhora que teve suas experiências de vida vivenciadas até então em moradias horizontais como outrora.

Após recebê-la em circunstâncias nada agradáveis conforme demonstra o início do capítulo, Violeta em nenhum momento, reconhece aquele homem como seu filho tratando-lhe sempre como “senhor” mas nunca como um familiar seu. A medida que vai tendo contato com os filhos sua condição, em todas as dimensões, vão se agravando vertiginosamente. No decorrer das viagens e novas hospedagens aquilo que eram simples aborrecimentos vão se tornando disfunções mentais graves.

A bem da verdade é que Violeta não se convenceu nem um pouco do que aquele sujeito falava, nem que se tratava de um familiar, muito menos, um filho seu. Para ela era não passava de um estranho contando histórias sem sentido com o fito de ganhar tempo para quem saber enganar uma velhinha indefesa sabe-se lá para quê. Pelo fato de ter parado ali sob circunstâncias nada esclarecidas contribuíram para que uma série de suposições nada agradáveis sobrevoassem sua cabeça como corvos negros. Tratava-se ali de um elemento mal intencionado qualquer? Ou pior: um *serial killer* talvez? Um sequestrador? Um traficante de órgãos ou quem sabe pior: um maníaco sexual? (Barreto, 2025, p. 58).

Violeta, portanto, começa a imaginar coisas, nesse caso em estar em perigo nas mãos de pessoas desconhecidas. Começa a nutrir um espécie de desconfiança exagerada. Não é, no seu caso, para menos. A forma que vem sendo reiteradamente tratada, sobretudo, por parte de quem mais deveria zelar pelo seu bem estar e saúde. Como instinto de sobrevivência a idosa começa a cogitar tomar medidas extremas como de elaborar um plano de fuga, mas não uma ideia passageira ou que pudesse ser demovida mediante uma simples conversa com um parente, ministração de remédios de maneira prescrita ou um profissional indicado em momentos de crise como esses; mas como uma obsessão, aliás, em seu íntimo, sua vida dependeria do sucesso daquela nova empreitada conjecturada em sua confusa mente.

Foi quando se convenceu mesmo que tinha de regressar e se ater ao primeiro plano imaginado — a fuga! E ela tinha de ser rigorosamente secreta, eficaz e sorrateira. Começou a selecionar os dias que o sujeito costumava sair seja para dar uma caminhada, sair para o barbeiro, supermercado... (Barreto, 2025, p. 59).

De fato não é de hoje que existem pessoas com a reiterada sensação de que o mundo conspira contra si. Que deve ser extinta de maneira direita ou indireta, rápida ou vagarosa, não importa de que maneira. Não se trata de uma eliminação que redunda da morte física em si, mas principalmente simbólica, psicológica e emocional. Sentir-se que é um problema e que não consegue ser igual aos outros para que, dessa forma, se tenha uma justificativa plausível para que não seja aceito e tolerado como um deles. Na cabeça de pessoas assim todos compactuarão para lhe isolar oferecendo o mínimo de possibilidades para que aquela pessoa tenha uma vida

igual daqueles que a perseguem. Entra em cena o conceito de paranoia, pois para uma pessoa com esse tipo de patologia tudo e todos agirão para que seus intentos sejam concretizados.

Na cabeça da pessoa é como se a coletividade começasse a fazer tudo para “sabotar”, “ignorar” e “menosprezar” tudo que advém daquele sujeito com uma progressividade considerável.

Na paranoia, a autoacusação é recalculada por um processo que se pode descrever como projeção. É recalculada pela formação do sintoma defensivo de *desconfiança nas outras pessoas*. Dessa maneira, o sujeito deixa de reconhecer a autoacusação; e, como que para compensar isso, fica privado de proteção contra as autoacusações que retornam em suas representações delirantes (Freud, 1996, p. 109, grifos originais).

E ainda:

A paranoíta se distingue dos outros porque ela se caracteriza pelo desenvolvimento insidioso de causas internas, e, segundo uma evolução contínua, de um sistema delirante, durável e impossível de ser abalado, e que se instala com uma conservação completa da clareza e da ordem no pensamento, no querer e na ação (Lacan, 2010, p. 27).

Retomando a cena que queremos trazer à discussão neste momento diz respeito a Violeta certa feita agora na nova casa de Sérgio foge de seu apartamento ganhando as ruas mantém-se sempre andando pela esquerda ou pela direita, fazendo-se girar em círculos em um quarteirão ou em outro. Por acaso aqui não estaria uma acusação velada do autor contra um mundo que fique girando em círculos sem sair do lugar, e tenha submetido a própria Violeta a girar em círculos ao longo de quatro estações sem oferecer-lhe nada mais substancial além de cuidados rasos?

18

Esse trecho trazido consoante a tese que tomamos como argumento e que possui fio condutor a nossa discussão que fazemos em nossa cultura em face de pessoas idosas tal como fica demarcado em *A Velhice* (1970). Obra em que Simone de Beauvoir a analisa como o último tabu da sociedade, criticando a marginalização e o preconceito contra os idosos e do modo de como a coletividade costuma enxergá-los no contexto moderno. A análise levantada aqui, é de uma perspicácia surpreendente, pois dialoga com nosso argumento em torno de uma velhice tal como Beauvoir apresenta na referência feita na sua obra *alhures*.

Acrescenta, portanto, Beauvoir (2018, p. 222) a esse respeito:

O velho — salvo exceções — *não faz* mais nada. Ele é definido por uma *exis*, e não por uma *práxis*. O tempo o conduz a um fim — a morte — que não é o seu fim, que não foi estabelecido por um projeto. E é por isso que o velho aparece aos indivíduos ativos como uma “espécie estranha”, na qual eles não se reconhecem. Eu disse que a velhice inspira uma repugnância biológica; por uma espécie de autodefesa, nós a rejeitamos para longe de nós; mas essa exclusão só é possível porque a cumplicidade de princípio com todo empreendimento não conta mais no caso da velhice.

Mas, é preciso lembrar que se antes o estigma da velhice não ficou restrito a questões meramente sociais. A Geriatria e a Gerontologia, categorizaram a velhice como um saber privativo da especialidade médica. A Psicologia, por seu turno, não podia ficar de fora e tratou de inserir em seus programas de formação de Psicólogos uma espécie de especialidade de intervenção na terceira idade. Pensamos que esse contexto também é salutar no caso de mulher totalmente desprovida memória, denotando algo que serve de reflexão para as mais diversas ciências humanas e de saúde existentes. O Alzheimer em mais alto grau como parece ser o caso não abole questões focadas somente em searas existenciais, mas torna mais problemático o acirramento simbólico entre as abordagens científicas existentes.

3.4 A QUARTA ESTAÇÃO: “fim de linha”

A última estação marca um desfecho não menos impactante. Sua estrutura pode ser dividido em três partes principais: o *relacionamento com os netos gêmeos*; a *internação compulsória* e a *redenção* que lhe dá com a morte. Aqui acompanhamos a personagem começando enfrentar problemas sérios e mais graves com a própria loucura. Ressalte-se que até então Violeta (durante sua trajetória de vida) nunca fora considerada “louca” mas à medida que o tempo passa na qual sua condição só deteriora corroborada a estímulos dos ambientes negativos aos quais é exposta somada ao não tratamento da doença que lhe acomete Violeta experimenta agora uma acusação por demais insuportável de suportar configurando, assim, uma “antessala” para coisas piores como o próprio fim.

19

Ao contrário do que se possa imaginar o capítulo até começa de maneira “esperançosa” haja vista o autor dar indícios de que a nova estadia, pelo menos no início ocorrerá de maneira até proveitosa perante a boa recepção da nova filha e netos. Contudo, não passa de um mote narrativo barretiano para preparar os leitores para algo pior. Essa estratégia fica evidente logo na descrição da perda de reverência mística que ficará evidente quando João e Maria (seus netos gêmeos) flagrarem a sua avó, em um quarto, rezando, ao que eles taxam como uma “bruxa” (em outras palavras “feiticeira”) passam assim a caçoá-la brutalmente por causa disto. Por serem netos, fica mais evidente o hiato das gerações, em que a oração de uma idosa chega a tal ponto de incompreensão, que eles a enxergam por uma lente de loucura (e por que não materialista?): através da língua trêmula, o ficar de bruços e mãos em formato de gancho. Está configurado aí, portanto, a “feitiçaria”:

Ao ler descrições de “confissões” de feiticeiras e de “sintomas” de pacientes psiquiátricos, devemos sempre lembrar que estamos diante de documentos escritos por

“carrascos” que procuram descrever suas vítimas. Os registros dos caçadores de bruxas foram conservados pelos inquisidores, não pelas bruxas; o inquisidor controlava a linguagem da descrição clerical, que não era mais que uma retórica para desmentir uma pessoa como crente verdadeira e defini-la como herética. De forma semelhante, os registros de exame psiquiátrico são conservados pelos médicos, não pelos pacientes; assim, o psiquiatra controla a linguagem da descrição clínica, que é apenas uma retórica para desmentir que uma pessoa seja normal e defini-la como paciente psiquiátrico. É por isso que o inquisidor tinha, e o psiquiatra institucional tem, liberdade para interpretar qualquer comportamento como sinal de feitiçaria ou doença mental (Szasz, 1976, p. 44).

Os netos desconhecem a cultura, hábitos e costumes da avó além de todo seu repertório comportamental e assim, a excluem e a classificam pejorativamente como “bruxa” corroborado a um cenário de ausência de uma Ética do cuidado, pensada por articulada por falta de uma educação adequada. Dessa forma historicamente falando acabam assumindo os papéis de “inquisidores” ante a perseguição brutal que ocorreu na Idade Média em face de mulheres com esse estereótipo imposto. Hoje de certa forma, esse papel passa a ser exercido por certos diagnósticos psiquiatra. De tanto pregarem peça na avó depois da tentativa da mesma em fazer o mesmo com eles Violeta nem imagina que está oportunizando uma atitude que redundará em ações que descambarão no seu afastamento definitivo da família e posteriormente na sua anulação completa.

Segue o resultado da ação desastrada de Violeta contada pelos netos:

20

Mamãe! Mamãe! — O que foi? — A vovó disse que ia matar a gente. Correu atrás de nós sem termos feito nada mamãe — denunciou Maria. Foi mãe. Não fizemos nada confirmou o irmão. — Não se preocupem meus filhinhos. A mamãe vai proteger vocês. Você não tá entendendo mamãe! Ela é uma bruxa e pode fazer mal a todos nós. — Sim sei disso (Barreto, 2025, p. 81).

A imaturidade da mãe em acreditar mais em duas crianças do que na própria genitora demonstra que a idosa passa a não ser mais digna nem sequer de confiança e/ou crédito. Seria o estopim que faltava para pôr em ação a vontade que Morgana e seus irmãos tinham vontade de realizar há tempos diante das limitações da mãe como idosa. “Louca”, “perigosa”, “insuportável” de conviver com as demais pessoas por conta do risco que carrega consigo passam a ser o imperativo da vez. A brincadeira tomada como verdade demonstra o *animus* de seu entorno de cada vez mais convencer de que a pessoa idosa não passa mais do que um amontoado de problemas que só se agravam a medida que o tempo passa. Escalonando de mera “desocupada”, “inconveniente” ou “bagunceira” para rotulações mais graves tais como “doente”, “nociva” ou “louca”.

No campo da literatura Machado de Assis em *O Alienista* (1882) sua foral cirúrgico nessa abordagem. Como não mencionar a figura do Dr. Simão Bacamarte que não hesitava em ver

tudo e todos aspectos de loucura. “Assim é que cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e, não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; [...]” (Assis, 1992, p. 10). Aproveitando o calor do momento Morgana, investida do papel de Bacarmarte, com força de decreto imputa que a mãe está mais que apta para convivência domiciliar e que para tanto precisa isolar-se numa “casa de repouso” como forma de tratamento e para, segundo ela, o “bem” de mãe.

Sim mamãe mas sendo bem direta o que quero dizer é que não tem sido mais possível dividir espaço com a senhora. Nós quatro achamos melhor que agora é o momento ideal para você ter a sua tão prezada liberdade. Alegre-se, pois, assim ninguém encherá mais o seu saco. Ham? Como assim. Próxima semana a senhora irá para outro lugar. Como é moça? — Olhe aqui esse encarte. Que lugar maravilhoso. Jardins, sala de jogos, posto de enfermagem... e olhe aqui tem até campainha individual no leito. Repare a carinha desses idosos. Tão felizes! Lhe visitaremos mensalmente. Prometo! Mas o que é isso? — disse Violeta tomando o papel de sua mão.— É uma casa de repouso.— Casa de repouso? Casa de repouso uma ova! Isso é um campo de concentração da terceira idade! Isso sim!!! (Barreto, 2025, p. 82-83).

Taxar o outro como louco e ganhar adesão dessa ideia com mais pessoas é a primeira parte se legitimar medidas de isolamento e ambulatórios como exclusão, ou em outros casos, internação médica. Essa atitude acaba funcionando como um momento onde a sociedade pode se livrar dos indesejados, que não estão em consonância com a nova ordem vigente consoante os padrões coletivamente estabelecidos. Separando os “normais” dos “anormais”; dos “aptos” contra os “inaptos”, dos “servíveis” em face dos “inservíveis” e assim por diante.

21

Na verdade, esse homem normal é uma criação. E se é preciso situá-lo, não é num espaço natural, mas num sistema que identifique o *socius* ao sujeito de direito; e, por conseguinte, o louco não é reconhecido como tal pelo fato de a doença tê-lo afastado para as margens do normal, mas sim porque nossa cultura situou-o no ponto de encontro entre o decreto social do internamento e o conhecimento jurídico que diserne a capacidade dos sujeitos de direito (Foucault, 2007, p. 132-133).

Daí abaixo a sua justificativa:

Na história do desatino, ela [a internação] designa um momento decisivo: o momento social em que a loucura é percebida no horizonte social da pobreza, da incapacidade para o trabalho, da impossibilidade de integrar-se no grupo; o momento em que começa a inserir-se no texto dos problemas da cidade. As novas significações atribuídas à pobreza, a importância dada à obrigação do trabalho e todos os valores éticos a ele ligados determinam a experiência que se faz da loucura e modificam-lhe o sentido (Foucault, 2004, p. 78).

A informação de que seria apartada dos seus independentes de sua vontade funcionaria, também, como um estopim para que Violeta perdesse a noção da normalidade e num misto de revolta fez com que ela fosse tomada por um ímpeto violento que jamais sentira durante toda a vida. Como uma última alternativa toma uma faca nas mãos e como última alternativa tenta desferir contra a filha. Não conseguindo tentar agora autodestruir-se como forma de aplacar a dor que sentira e que tem certeza que sentirá nos dias seguintes na concretização da internação.

Se não tinha ainda dado “motivos” agora os filhos contam com justificativas de sobra para interditá-la. Diante do fato extremo logo é acionado socorro ato contínuo sendo contida por paramédicos que, de ambulância pronta tem o trabalho de contê-la para depois levá-la – a contra vontade – ao seu novo lar.

Quando a ameaça à integridade pessoal está presente o indivíduo defende-se dela, podendo tornar-se agressivo como resposta ao sentimento de estranheza que o meio envolvente lhe devolve (real ou projetivamente) e que o faz assumir uma forma hostil e agressiva de comunicação (Pinto; Queirós, 2015, p. 71).

Violeta, portanto, aos olhos dos demais incorpora nada mais do que uma figura que “delira”, “alucina”, tem acatisia, regride, enfim. A partir daí a obra segue para seu desfecho tomando outra característica do autor, a questão espiritual. O encerramento do conto, também, assim como toda a sua extensão é carregado de simbologia. O término de tudo acontece nas festividades de natal data considerada como o advento do Salvador e prenúncio de despedida do ano que passou como encerramento e início de um novo ciclo.

Violeta agora passa a não ser mais amparada por pessoas (sejam familiares ou profissionais do sistema de saúde) ou quaisquer outros entes naturais; só restando a ela a recorrer e se apegar ao transcendental. Aqui o autor parece recompensara personagem depois de tanto sofrimento. Violeta parece alcançar o seu ápice de sua existência recebendo a visita de uma figura estranha que, embora trajado de branco, não se tratava de um enfermeiro ou médico. Encerra denotando que mesmo não tendo uma velhice e posteriormente um passamento digno, de certa forma, a idosa é redimida com um fim muito além do que podia esperar.

22

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim a análise dos contos “Negociando o fim” e “As quatro estações” permite afirmar que a ficção de S. Barreto se constitui como um campo privilegiado de problematização da velhice enquanto “experiência-limite” da existência humana, na qual se condensam “angústia”, “finitude”, “desamparo” e “conflito intergeracional”. À luz da psicanálise observa-se que a velhice, longe de ser apenas um estágio biológico, emerge como categoria simbólica atravessada por perdas narcísicas, rupturas de laços familiares e sociais além da potencialização da consciência próxima da morte.

No conto “Negociando o fim”, a trajetória de Seu Antônio explicita de modo contundente a articulação entre “melancolia”, “angústia” e “desamparo”, conforme delineada por Freud e reelaborada por Lacan. O espaço asilar, descrito como lugar de reclusão e esvaziamento subjetivo, não apenas antecipa simbolicamente a morte, como também reduz o

sujeito à sua dimensão sociológica, negando-lhe reconhecimento e alteridade. O diálogo com a morte, consubstanciado pelo fantástico, revela-se menos como fuga da realidade do que como tentativa desesperada de retomada do sentido, em um cenário no qual os vínculos familiares e sociais já se encontravam definitivamente (com)rompidos.

Em “As quatro estações”, por sua vez, a personagem Violeta encar(n)a uma velhice atravessada pela fragmentação da memória, mas jamais destituída de desejos. A alternância de espaços, filhos e estações evidencia a incapacidade das estruturas familiares e institucionais de acolher a alteridade radical que a velhice representa, sobretudo, quando associada à diagnósticos de demência. A progressiva patologização, a medicalização imprudente e, por fim, a internação compulsória da personagem reiteram a lógica denunciada por Foucault, na qual a exclusão se legitima por discursos de “cuidado”, “segurança” e “normalização”.

Em última análise, este estudo conclui que a obra de S. Barreto convoca a uma revisão ética das práticas de cuidado e das relações intergeracionais. As considerações aqui tecidas apontam para a necessidade de superar a visão da velhice como “patologia” ou “descarte”, reconhecendo-a como uma fase de singularidade psíquica que exige a manutenção do bem estar do idoso. A angústia, embora inerente à condição humana, é exacerbada por estruturas sociais que negam ao idoso ou idosa o lugar de sujeito de fala e de existência satisfatória nessa fase de vida tão peculiar. O autor abre nessas narrativas, portanto, a possibilidade do resgate de vida autêntica. Seus contos são a flor que nasce no duro asfalto da ciência petrificada pelo diagnóstico. Um grito de dignidade dos excluídos. Que sua pena tenha sempre um profícuo trabalho!

REFERÊNCIAS

- ANZIEU, D. *Être dans la solitude*. Nouvelle Revue de Psychanalyse, Paris, n. 36, p. 123 - 128, automne 1987.
- ASSIS, M. de. *O Alienista*. São Paulo: Ática, 1992.
- BARRETO, S. *As quatro estações*. 1^a ed. São Luís: Scriptorium, 2025.
- BARRETO, S. *O circo e outros contos*. 2^a ed. São Paulo: Uiclap, 2023.
- BEAUVOIR, S. de. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Martins. 3^a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BELLEMIN-NOËL, J. *Psicanálise e Literatura*. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1978.

CASTELLO BRANCO, L.; SOBRAL, A. P. A. *O que é psicanálise literária*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2022.

FOUCAULT, M. *A História da Loucura da Idade Clássica*. 7ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FOUCAULT, M. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FREUD, S. “Luto e melancolia”. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volume XVIII (1914-1916). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. *Atos obsessivos e práticas religiosas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. *Inibição, Sintoma e Angústia*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. *O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

HONNETH, A. *La lucha por el reconocimiento: por una gramática moral de los conflictos sociales*. Barcelona: Editorial Crítica, 1997. 24

KANDEL, E. R. *Em busca da memória: o nascimento de uma nova ciência da mente*. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KIERKEGAARD, S. *O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilus Haufnienensis*. 3^a ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

KOVÁCS, M. J. (Coord.). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LACAN, J. *La Troisième*. In: *Lettres de l'Ecole Freudienne de Paris*. n. 16, 1975.

LACAN, J. *O seminário, livro 3 – As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LIMA, L. D. de; MARQUES, J. C. Relações interpessoais em famílias com portador da doença de Alzheimer. *Psico*, [S. l.], v. 38, n. 2, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/1470>. Acesso em: 22 dez. 2025.

MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

MUCIDA, Â. *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. São Paulo: Autêntica, 2022.

NAKAGAWA, C. Assistência ao cuidador. In.: CAMINEU, P.R. Doença de Alzheimer. In.: CAOVILLA, V.P. e CAMINEU, P.R. e col. Você não está sozinho. São Paulo: ABRAZ, 2002.

PINTO, J., & QUEIRÓS, P. Ilusão do amor tardio e desencanto agressivo: A história de um idoso em contexto hospitalar. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental* (13), 67-72, 2015.

SILVA, J. T. da. Ironia e foreshadowing: uma análise do conto “Charles” de Shirley Jackson. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciada em Letras – Inglês), João Pessoa, PB.

SOUZA, S. R. de. Literatura e Psicanálise. Formiga: Editora Unigala, 2023.

SZASZ; T. S. A Fabricação da Loucura: um estudo comparativo entre a Inquisição e o movimento de Saúde Mental. Tradução de Dante Moreira Leite. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

WINNICOTT, D.W. A psicologia da loucura. Uma contribuição da psicanálise. In: D. Winnicott. Explorações psicanalíticas. Porto Alegre: Artmed, 2005.